

MARCELO, MARMELO, MARTELO (RUTH ROCHA) E A MENINA DANADINHA (PEDRO BANDEIRA):

UM ESTUDO PSICOLINGUÍSTICO DE CRIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Ana Karoline de Almeida Ferreira (IC) e Regina Helena Pires de Brito (Orientadora)

Apoio: PIBIC CNPq

RESUMO

O presente artigo centra-se no estudo do processo de aquisição da linguagem, especificamente no tocante às criações linguísticas, muito frequentes nesse período. Considerando que a língua é composta por diversos aspectos sociais, históricos, culturais - entre outros tantos elementos - essa multiplicidade e complexidade exige que o usuário ative várias capacidades e habilidades que estão em desenvolvimento intenso durante a infância. Por esta razão, é comum que a criança elabore neologismos, estabeleça analogias e relações entre fatos da linguagem e use a língua de formas diferentes da estabelecida pelos padrões gramaticais. Assim, a partir de uma perspectiva psicolinguística, tem-se por objetivo descrever e analisar o desenvolvimento da linguagem nas criações linguísticas feitas pelas personagens Marcelo e Ritinha - protagonistas das obras Marcelo, marmelo, martelo (de Ruth Rocha) e A menina danadinha (de Pedro Bandeira). Essas obras, destinadas ao público infantil, trazem representadas situações linguisticamente criativas que podem ser verossímeis, possibilitando a categorização e a análise das produções das personagens e provocando reflexões sobre o processo de aquisição de linguagem. Como arcabouço teórico, após situar a Psicolinguística no escopo da ciência Linguística, apresenta-se um esboço das principais teorias psicolinguísticas: as empiristas (o behaviorismo e o conexionismo) e as racionalistas (o inatismo, o construtivismo, o cognitivismo e o interacionismo).

Palavras-chave: Aquisição da linguagem. Psicolinguística. Criações linguísticas.

ABSTRACT

This article focuses on the study of the language acquisition process, specifically with regard to linguistics creations, very common in this time. Considering that the language is composed by many social, historical, cultural aspects - among other elements - this multiplicity and complexity require the user to activate various capacities and skills that are in intense development during childhood. For this reason, it is common for the child to elaborate neologisms, to establish analogies and relationships between facts of language, and to use language in different ways from the one established by grammatical patterns. Thus, from a

psycholinguistic perspective, the objective is to describe and analyze the development of language in the linguistic creations performed by the characters Marcelo and Ritinha - protagonists of literary works - Marcelo, marmelo, martelo (by Ruth Rocha) and A menina danadinha (by Pedro Bandeira). These literary works, intended for children, represent linguistically creative situations that can be plausible, enabling the categorization and analysis of the productions of the characters and provoking reflections about the process of language acquisition. As a theoretical framework, after placing Psycholinguistics in the scope of Linguistic Science, an outline of the main psycholinguistic theories is presented: the empiricists (behaviorism and connectionism) and the rationalists (innatism, constructivism, cognitivism and interactionism).

Keywords: Acquisition of language. Psycholinguistics. Linguistics creations.

1. INTRODUÇÃO

A língua(gem) é uma capacidade complexa, por meio da qual são refletidas diversas características socioculturais, históricas, visões de mundo e muitos outros elementos – tão numerosos que não poderiam ser todos aqui abordados. T tamanha complexidade exige que o falante exerça vários tipos de conhecimentos e habilidades para sua aquisição e uso. Durante o período de aquisição da linguagem, esses conhecimentos e habilidades estão em desenvolvimento; sendo assim, é natural que a criança tenha diversas dúvidas, faça analogias, crie expressões e use a língua de formas diferentes da estabelecida pela norma padrão.

A língua não adota todas as criações e analogias feitas, em razão de sua conservação, da rejeição coletiva dos falantes e/ou de muitos outros fatores. Mas Saussure aponta que “nada entra na língua sem ter sido antes experimentado na fala, e todos os fenômenos evolutivos têm sua raiz na esfera do indivíduo “ (SAUSSURE, 2012, p.226).

Mas quais são as causas dessas criações linguísticas? Por quais motivos e com quais finalidades são criadas? Essas foram algumas das questões que estimularam esta pesquisa.

O comportamento infantil citado acima é ilustrado nos *corpora* de análise deste trabalho, quais sejam: as obras *Marcelo, marmelo, martelo*, de Ruth Rocha e *A menina danadinha*, de Pedro Bandeira.

A partir de uma perspectiva psicolinguística, temos por objetivo descrever e analisar o desenvolvimento da linguagem nas criações linguísticas feitas por Marcelo e Ritinha - protagonistas das referidas obras. Não esquecendo, contudo, de que nessas obras literárias são representadas situações que podem ser verossímeis e, portanto, buscaremos relacionar o que é construído pela ficção, nossas hipóteses e reflexões sobre as obras à realidade do processo de aquisição de linguagem.

Para que esses objetivos sejam alcançados, este estudo encontra-se assim estruturado: primeiramente, discorreremos sobre as principais teorias psicolinguísticas; como segundo passo, apresenta-se o caminho metodológico percorrido. No terceiro item, apresentam-se as obras literárias escolhidas, destacando e agrupando as principais criações linguísticas, que são analisadas, retomando e expandindo a orientação teórica adotada no âmbito dos estudos propostos pela Psicolinguística. Por fim, seguem-se a conclusão e as referências.

2. PSICOLINGUÍSTICA E AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

A língua(gem), segundo Slobin (1939), influencia diretamente na interação social, na transmissão da cultura, no pensamento e na cognição humana. Estes são aspectos fundamentais para o homem, visto que tendemos a preferir o convívio em sociedade e isto exige o uso de um sistema comunicativo eficaz. Sendo assim, a adesão e o desenvolvimento dos processos comunicativos são irresistíveis - excetuando-se, naturalmente, indivíduos que apresentem algum tipo de deficiência.

Esse desenvolvimento principia com a assimilação da linguagem iniciada ainda no período de gestação, pois, a partir dos seis meses, a criança já possui o aparelho auditivo desenvolvido e consegue ouvir alguns ruídos e a voz da mãe, de maneira que começa a acostumar-se com o ritmo e a entonação da língua, embora não compreenda as palavras e seus significados. (CRYSTAL, 2010, p.13).

Muitos elementos estão envolvidos na aquisição e no uso da linguagem, como elementos socioculturais, corporais, cognitivos, psicológicos, entre outros tantos. Essa diversidade de componentes possibilita que sejam – a linguagem e seu processo de aquisição- objeto de estudo de diferentes áreas científicas, como a Sociologia, a Psicologia e a Neurologia, por exemplo. Embora cada área adote a perspectiva que for mais conveniente aos seus objetivos, todo o conhecimento que é construído a respeito da linguagem pelas diversas ciências é compartilhado em razão de sua natural interdisciplinaridade, exemplo disso é a Psicolinguística.

Os psicólogos tomaram por objeto de pesquisa o comportamento verbal a fim de entender o desenvolvimento da linguagem, além de estudar alguns dos distúrbios intervenientes no processo linguístico - como a retenção de aprendizagem -, enquanto a linguística se estabeleceu como o estudo científico da linguagem a partir das teorias Saussureanas, com a finalidade de perscrutar o material linguístico em si. Segundo Witter (1978), as referidas áreas se relacionaram com o objetivo de estudar com profundidade o uso da linguagem:

A necessidade de aproximação da linguística e da psicologia para um melhor conhecimento do comportamento verbal, em toda sua amplitude e em todas as suas múltiplas relações com os outros comportamentos e com o ambiente, de há muito era destacada por vários pesquisadores. (p.179)

A psicolinguística surge da necessidade de relacionar essas perspectivas distintas de pesquisa com a finalidade de estudar os processos psicológicos que viabilizam a aquisição e o uso da linguagem (RÉ, 2010, p.14), sendo esses processos os conectores da mente e da língua. Além da aquisição da linguagem, áreas como memorização, plurilinguismo, patologias da linguagem, produção e interpretação de enunciados, aquisição de escrita ou de uma segunda língua, são possíveis opções de recorte para pesquisas e, de modo geral,

a psicolinguística se atém às áreas das ciências cognitivas e das teorias linguísticas (RÉ, 2010, p.16)

Os estudos psicolinguísticos a respeito da aquisição da linguagem podem ser conduzidos de acordo com as diretrizes de duas principais correntes teóricas, a empírica e a racionalista. A primeira atribui a aquisição da linguagem à experiência, ao estímulo-resposta e não considera a mente como componente fundamental no processo de aprendizagem, enquanto a segunda atribui a aquisição da linguagem à capacidade mental inata do ser humano, juntamente com as experiências para desenvolvimento dessa capacidade. Baseadas nas ideias *empiristas* surgiram as propostas behaviorista e connexionista e com base nos ideais *racionalistas* apareceram os modelos inatista, construtivista, cognitivista e interacionista, conforme apresentadas abaixo.

1. Teorias Empiristas

1.1. Behaviorismo

Em consonância com os ideais empiristas, a teoria behaviorista, defendida por F.B. Skinner, afirma que a mente da criança é como uma tábula rasa que só adquire conhecimento linguístico por meio de estímulos, respostas, reforços e imitações. O estímulo é o que ocasiona a comunicação, a resposta é o meio ou forma de comunicação escolhida e o reforço que pode ser positivo, com a finalidade de recompensar a resposta e estimular sua repetição, ou negativo para coibir, tentar erradicar a resposta. Essa teoria ignora as analogias e construções feitas espontaneamente pela criança sem que a tenham ensinado, isto é, sem o envolvimento da criança na aprendizagem da língua. (cf. SANTOS, 2007. p.217-219; RÉ, 2010, p.18-19). À vista disso, não nos basearemos na perspectiva behaviorista para nossa análise, uma vez que não contempla o objeto desse estudo: as criações linguísticas.

1.2. Conexionismo

O Conexionismo postula que o estímulo-resposta está na base neural, na maneira como os dados entram (input) e saem (output). Assim sendo, estabelece uma relação entre o organismo e o ambiente, ou seja, a rede neural e as informações linguísticas que rodeiam a criança e, dessa forma, admite as analogias e as generalizações feitas (SANTOS, 2007. p. 219-220 ; RÉ, 2010, p.19). Considerando que esta teoria enfoca, principalmente, no conteúdo linguístico também não a usaremos como base, posto que, o conteúdo que analisaremos exige a adoção de teorias que postulam que o falante é protagonista na aprendizagem e uso da língua.

2. Teorias racionalistas

2.1. Inatismo

A hipótese racionalista proposta por Chomsky é o inatismo, ou seja, é a existência de um determinante biológico natural da raça humana, um dispositivo de aquisição da linguagem (DAL) ativado pelo contato com a língua e exercício da mesma. Essa teoria é fundamentada na rapidez apresentada pela criança que, entre os 3 e 4 anos, adquire e desenvolve propriedades abstratas e complexas da gramática da língua que, segundo Chomsky, se deve a um fator geneticamente transmitido. Para ele, essa capacidade intuitiva sobre as (im)possibilidades de alguns tipos de construções sintáticas não se dá por memorização de regras e, dessa forma, Chomsky menospreza o processo de aprendizagem da língua, que será objeto de outras teorias.

2.2. Construtivismo

Segundo Slobin, a teoria construtivista pode ser subdividida em cognitivista e interacionista, e sugere que o mesmo mecanismo que possibilita a aquisição da linguagem é responsável também por outras capacidades cognitivas. (SLOBIN,1980)

2.2.1. Cognitivism

O Cognitivism foi desenvolvido por Piaget, que vinculou a linguagem à cognição e atribuiu às experiências e ao desenvolvimento do raciocínio a aquisição da linguagem. Esse pensamento não pode ser confundido com o empirista, uma vez que Piaget considerava que o conhecimento vem da interação com o ambiente e não do ambiente por si só. Embora considere a interação como fonte de conhecimento, também não pode ser considerada um pensamento interacionista visto que se trata da interação da criança com o mundo, enquanto a teoria interacionista focaliza a na participação do adulto como mediador. Contudo, não basta que a criança interaja com o mundo, é necessário respeitar os estágios de maturação pelos quais ela passa e ao longo dos quais ocorre uma mudança na linguagem da criança que passa de egocêntrica para socializadora. A linguagem egocêntrica é caracterizada por não considerar o interlocutor, a criança não desempenha um papel social, e assim sua fala é para si mesma. Essa fala tende a diminuir por volta dos sete anos de idade, quando a criança passa a interagir, esses estágios de desenvolvimento cognitivo são sucessivos e acumulativos. (SANTOS, 2007. p.223-224; RÉ, 2010, p.23-24; LYONS, 1987, p. 227).

2.2.2. Interacionismo

A base da teoria interacionista, desenvolvida por Vygotsky, é a interação verbal, o diálogo, as trocas comunicativas. Segundo ele, o conhecimento linguístico se constrói a

partir desse convívio social e cabe ao adulto mediar e regular - podendo facilitar ou dificultar o processo - as informações que a criança vai receber. Essa é a chamada zona de desenvolvimento proximal (ZDP) onde há a transição da relativa dependência para a relativa independência da criança, onde ela passa a ser capaz de fazer sozinha algumas das coisas de que anteriormente necessitava de auxílio. Para Vygotsky, todo o processo de amadurecimento da criança se dá por meio da interação, do conhecimento que é passado à criança através do adulto mediador (SANTOS, 2007. p.223-224; RÉ, 2010, p.23-24).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Apresentadas as teorias principais sobre aquisição da linguagem, passa-se, agora, os procedimentos que nortearam a pesquisa realizada. Conforme apresentado na introdução, este estudo propõe-se a analisar duas obras destinadas ao público infantil (ambas tiveram sua primeira edição no ano de 1991): *Marcelo, Marmelo, Martelo*, de Ruth Rocha, que traz as aventuras do esperto Marcelo, que inventava palavras, e a obra de Pedro Bandeira, *Ritinha Danadinha*, reeditada com o título *A Menina Danadinha em 2007*, que apresenta a menina que corrige/altera a língua portuguesa por métodos considerados “amalucados” pelas demais personagens.

As obras serão aqui usadas como uma representação artística (literária) de fatos cotidianos e verossímeis, recorrentes durante o processo de aquisição de linguagem e serão objetos de um estudo analítico-descritivo.

A leitura de ambas as obras foi pontuada por levantamento e análise das inovações propostas pelas personagens ao sistema da língua portuguesa, procurando enquadrá-las aos aspectos teóricos acima esboçados, a fim de atingirmos o objetivo geral deste trabalho: a descrição e a análise do processo de desenvolvimento da linguagem em construções criadas por duas personagens de obras da literatura infantil.

4. A LÍNGUA PORTUGUESA NA VOZ DE MARCELO E RITINHA

Para possibilitar a análise das obras, apresentamos breve resumo das mesmas, destacando as criações linguísticas encontradas nos textos reunindo-as em tabelas.

Em *Marcelo, marmelo, martelo*, o menino Marcelo protagoniza uma história de inconformidade com os usos convencionados pela a língua portuguesa. O garoto questiona os nomes atribuídos às coisas que o cercam e até mesmo seu próprio nome, daí o título da obra. Esses questionamentos geram a não aceitação de alguns termos estabelecidos na língua - como a palavra colher, por exemplo- e a criação de nomes que pareçam mais

significativos para Marcelo, como mexedor que passa a ser usado por ele para se referir ao objeto colher. Essas e outras criações passam a ser usadas pelo menino, substituindo, assim, alguns signos estabelecidos pelo sistema linguístico e que acabam provocando mal-entendido entre o garoto e seus pais. Essa situação é ilustrada abaixo na imagem da obra referida:

Figura 1- Imagem da página 20 de *Marcelo, marmelo, martelo*.



Abaixo, apresenta-se a tabela 1, que agrupa as criações encontradas na obra:

Tabela 1- Criações Linguísticas em *Marcelo, marmelo, martelo*.

Página	Criação linguística	Palavra correspondente
13	Sentador	Cadeira
	Cabeceiro	Travesseiro
14	Mexedor	Colher
	Suco-de-vaca	Leite
	Suco-da-vaqueira	Leiteira
15	Solário	Dia
	Puxadeiro	Burro
	Carregadeira	Carroça
	Possuidor	Dono
18	Lunário	Noite

19	Moradeira	Casa
	Latildo	Cachorro
20	Embrasou	Incendiou
	Branqueira	Fogareiro

A *menina danadinha* conta divertidas aventuras de Ritinha, a garota que pensa diferentemente de todos e sempre tem uma perspectiva muito criativa e engraçada. Ritinha também questiona a língua, seus usos convencionais e expressões populares; para ela, a língua nem sempre exprime aspectos que não podem ser omitidos, como sexo e idade, por exemplo. E é por isso que a menina decide alterar a língua da maneira como lhe parece mais adequado. As demais personagens conseguem compreender o que Ritinha diz, mas sempre a corrigem, pois acham suas criações amalucadas. A imagem que segue abaixo exhibe as inovações propostas pela garota:

Figura 2- Imagem da página 8 de *A menina danadinha*



Segue abaixo a tabela 2, que resume as criações encontradas na obra:

Tabela 2- Criações linguísticas em *A menina danadinha*

Capítulo	Criação linguística	Tipo	Intenção da criação/ Finalidade
1) O vendedor atrapalhado	Página 7: Boa dia; tomanda banha; dizenda; estava Página 8: Palavros Página 9: Brigada (particípio de brigar); ensinanda; estava.	Mudança de gênero em substantivos e verbos.	Concordar com o gênero da palavra, do sujeito ou do enunciador.
2) Cacareca de chocolate	Página 11: Galinha/ gala/ galona Focinho/ foço/ foção Página 12: Vizinho/ viza/ vizão Madrona.	Mudança de grau em substantivos.	Representar o tamanho daquilo ou de quem a palavra se refere.
3) Burrinho amarrado	Página 20: O meu Alegria.	Mudança do artigo e do pronome.	Concordar com o gênero da personagem chamada Alegria.
4) Chá de sumiço	* Não há criações linguísticas -Uso literal de 'chá de sumiço'.	—	—
5) A Imundação	Página 40: Imundação (quem fala é o narrador)	—	—
6) Contrabando de gato	Página 44: Aeromeninas; pilota	Mudança de gênero e criação de palavra.	Representar gênero e idade da personagem.
7) O dedão	Não há criações linguísticas	—	—
8) Trocando as bolas	*Não há criações linguísticas - Mistura de canções e de histórias	—	—

Iniciamos a análise com a obra de Ruth Rocha. As criações linguísticas feitas por Marcelo são de ordem semântica, isto é, a personagem atribui novos nomes às coisas, pois não compreende a relação entre significados e significantes. Apontamos como possível causa dessa incompreensão a arbitrariedade do signo, com base na teoria Saussureana, que afirma que língua é regida por uma convenção social que estabelece signos linguísticos arbitrariamente:

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer que o signo linguístico é arbitrário. [...] Com efeito, todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em

princípio num hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma convenção.
(Saussure, 2012, p.108)

Podemos associar a esta afirmação, a teoria de Piaget citada anteriormente que alega que o desenvolvimento do conhecimento linguístico se dá em estágios de maturação graduais. Desse modo, relacionamos o período de aquisição da linguagem, no qual Marcelo se encontra, à quebra do contrato linguístico social – isto é, as criações do garoto-, visto que, esta convenção coletiva ainda não é natural para Marcelo em razão do estágio de maturação em que ele se encontra.

Acrescentamos, ainda, a apropriação da língua que se inicia, normalmente, a partir dos 18 meses de vida (cf. TERRA, 1997, p. 9) e a autonomia do falante que permite a expressão individual de vontade e inteligência (SAUSSURE, 2012, p. 45) como fatores relevantes para compreender os questionamentos e as inovações feitos por Marcelo.

Além de criar novos nomes, o protagonista passa a usá-los como substitutos dos nomes estabelecidos pelo uso social da língua, o que causa, em princípio, um ruído na comunicação do garoto com seus pais. Podemos justificar a ocorrência desse ruído com base em Saussure que afirma que essa convenção social é eficiente porque é fruto da adesão e do uso coletivo e não de imposição de um indivíduo. Outro fator que colabora para a ocorrência desse ruído é certa resistência da língua às mudanças, pois a língua é perpetuada por sua transmissão como herança dada às novas gerações. As transformações ocorridas na língua, de maneira geral, se concretizam entre gerações. (SAUSSURE, 2012, p. 110 e 111). Isso por que “Numa língua existe, pois, ao lado da força centrífuga da inovação, a força centrípeta da conservação, que, contra-regrando a primeira, garante a superior unidade de um idioma como o português”. (CUNHA, CINTRA, 1985)

Prosseguindo, então, com a análise da obra de Pedro Bandeira. Diferentemente das elucubrações linguísticas da personagem Marcelo, as criações de Ritinha não se restringem ao campo semântico, mas têm por objetivo estabelecer concordância de verbos e substantivos com o sujeito, o objeto/pessoa de que se fala ou o enunciador, isto é, são criações no âmbito da sintaxe e da morfologia.

As criações linguísticas feitas por Ritinha são mais complexas do que as feitas por Marcelo, visto que as normas que regem a sintaxe e a morfologia da língua são princípios mais abstratos e mais complexos do que o princípio de convecção do signo. No entanto, as personagens compartilham os mesmos motivadores: a apropriação da língua e a autonomia desenvolvida pelo falante, já mencionados anteriormente.

Define-se, neste estudo, sintaxe em consonância com a postulação de Chomsky (1957): “a sintaxe é o estudo dos princípios e processos que presidem à construção de

frases” e tem por objetivo a criação de uma gramática, que é definida por ele como um mecanismo de produção de frases. Um dos diversos tipos de gramática é a gramática internalizada, que é construída pelo falante com fundamento em suas experiências linguísticas (apud TERRA, 1997, p.57). A essa afirmação, relaciona-se a teoria interacionista para a qual o conhecimento linguístico é adquirido por meio do convívio social.

A análise aqui proposta ajusta-se à teoria inatista, explanada anteriormente, em conformidade com o pensamento de Chomsky, que propõe que a competência linguística se deve a um fator biológico, denominado Gramática Universal (GU).

A GU é interpretada, portanto, como uma propriedade de cérebro humano. Essa propriedade é a concretização biológica de nossa faculdade da linguagem (seja na versão forte ou fraca do inatismo). Ela é a maneira pela qual a disposição para a linguagem deve estar codificada no genoma *Homo Sapiens*. (KENEDY, 2016, p.94)

Adota-se neste exercício analítico a perspectiva inatista, uma vez que esta teoria procura explicar um dos aspectos não contemplados pelas demais teorias: durante o processo de aquisição da linguagem, a criança domina, mesmo que de maneira basilar, preceitos complexos da língua em poucos anos. Para Chomsky, esse fato não pode ser fruto dos dados linguísticos a que a criança tem acesso, visto que são ‘dados linguísticos primários’ e sim da capacidade de processar esses dados e de formar as estruturas que caracterizam a linguagem humana (SLOBIN,1980, p. 142). Toma-se, aqui, como exemplo ilustrativo, o estudo experimental citado por Name, cujo resultado apontou que o fato de não haver, na língua portuguesa, diferenças marcadas entre nomes e adjetivos não se constitui como um empecilho para o desenvolvimento da linguagem e que durante primeiro ano de vida os bebês já são capazes de identificar objetos a partir de suas características. (BELCHADHA, 1996; SMITH & HEISE, 2000 Apud NAME,2007, p. 55). Esta distinção citada no estudo corresponde ao reconhecimento de informação semântica e independe da capacidade de conceptualização.

Apesar de considerar a competência linguística uma capacidade biológica, os gerativistas atestam que esse dispositivo biológico (GU) deve receber estímulos (contato com a língua) pra que seja ativado e possa gerar conhecimento linguístico na mente do indivíduo. Assim sendo, a GU é o estágio inicial (geneticamente programado) que, depois de ativado, origina outros estágios, até que chegue o estágio estável, que corresponde ao momento em que já foram retiradas do ambiente informações suficientes para a formação da gramática de uma língua específica (KENEDY. 2016, p.96). Esse dispositivo biológico (GU), que segundo a proposta minimalista corresponde a um sistema computacional, é o

que possibilita a assimilação das características da língua. Nas palavras de Name (2007):

O sistema computacional é alimentado pelos traços e valores especificados no léxico da língua. Dessa forma, a criança deverá identificar, nos dados de fala, as propriedades fonológicas e semânticas pertinentes à sua língua, além dos valores referentes aos traços formais. Essa identificação estaria disponível, inicialmente, a partir de características prosódicas e fonológicas da língua e seriam acessíveis a partir da interface fonética. (NAME, 2007, p 57)

As propriedades acústicas da fala podem explicitar as características semânticas, morfológicas e sintáticas, dessa forma, a criança pode adquirir os conhecimentos que necessita para formar sua própria gramática por meio do que ouve. Esse processo denomina-se *bootstrapping*, e pode ser definido como um método de ancoragem em módulos, isto é, a criança faz uso de seus conhecimentos no domínio do módulo fonológico/prosódico para assimilar conhecimentos de outros domínios, como a sintaxe e a morfologia (NAME, 2015, p.79; SANTOS & SIKANS, 2005, p. 121), explicado abaixo:

É esse o ponto de partida do *bootstrapping* prosódico/fonológico, que considera que desde os seus primeiros dias de vida o bebê já é capaz de processar características da fala que lhe permitiriam identificar propriedades daquela língua, tais como a ordem estrutural. A segmentação dos enunciados em unidades menores facilitaria a aquisição lexical inicial, e partir do reconhecimento de alguns itens lexicais e de sua posição na estrutura sintática o processo de mapeamento sintático de novos itens seria desencadeado, num processo de *bootstrapping* sintático. (NAME, 2007, p. 57 e 58)

Esse método de ancoragem é iniciado ainda na gestação - conforme Crystal, mais acima - quando o feto começa a ouvir o contorno prosódico da fala da mãe e por isso é capaz de identificar, já nos primeiros dias de vida, as diferenças acústicas entre consoantes e vogais, entre línguas prosodicamente distintas e entre itens lexicais diferentes. Essa percepção evolui ao longo do primeiro ano de vida, de maneira que o bebê torna-se capaz de reconhecer o padrão silábico e as combinações fonêmicas mais frequentes da língua. Ao longo do segundo ano de vida, a criança começa a reconhecer a ordem de palavras-padrão e sua relação com papéis temáticos de agente paciente. A partir dos três anos surgem as criações linguísticas feitas com base nas possibilidades morfológicas da língua, como por exemplo, “ eu fazi” ou “arranhinho” (NAME, 2015, p.73). Segundo Chomsky:

Qualquer gramática de uma língua deve projectar o corpus finito e mais ou menos acidental de enunciados observados num conjunto (que se

presume infinito) de enunciados gramaticais. Neste aspecto, uma gramática reflecte o comportamento do falante que, a partir de uma experiência de língua, finita e accidental, consegue produzir ou compreender um número infinito de novas frases. (CHOMSKY, 1957, p.17)

Em síntese, a criança desenvolve a percepção e começa a identificar, pouco a pouco, as propriedades que compõem a língua. A partir daí, estende seu vocabulário, cria novas palavras, novas expressões, fazendo uso do conhecimento adquirido para expressar suas ideias e dar asas a sua criatividade (NAME, 2015, p.73).

Podemos aplicar esta assertiva na análise das criações linguísticas produzidas por Ritinha; por exemplo, a partir da palavra 'galinha', a personagem produz as palavras 'gala/galona'. Observando estas criações podemos, notoriamente, perceber que Ritinha compreende as características morfológicas formadas pelas flexões de grau. A personagem pressupõe, por inferência, que *galinha* seja um sufixo de diminutivo, sendo assim gala corresponderia à palavra primitiva e *galona* seria um sufixo aumentativo. O uso de afixos para flexão de grau é comum na língua portuguesa, como por exemplo: Dente, *dentinho*, *dentão* – analogia que seguramente norteou a lógica criativa de Ritinha.

A composição feita pela menina também é fundamentada nas padronizações da língua. Ritinha presume que se a palavra *aeromoças* denomina as moças que trabalham em aviões, a palavra *aeromeninas* deve ser para as meninas. Assim como “aeromoças”, “aeromeninas” seria fruto do processo de formação de palavras por justaposição, característico da língua portuguesa.

Ademais, Ritinha também assimila o uso das vogais “A” e “O” para flexionar gêneros, bem como reconhece algumas noções de concordância. Mas, diferentemente do que é convencionalizado pela língua, a garota aplica esse tipo de flexão, indistintamente, tanto a verbos quanto a substantivos para concordar com o sexo do enunciador ou o gênero da palavra seguinte, como em suas criações: “boa dia e bom dio” no caso de um enunciador homem ou mulher, “palavros masculinas e palavras femininas”, e a mudança de artigo para concordar com a personagem – o burrinho chamado Alegria – a quem se refere como “o meu Alegria” (com a silepse da palavra “burro”, que fica subentendida).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aquisição da linguagem é um processo de alta complexidade, visto que a língua possui convenções sociais arbitrárias, normas abstratas, irregularidades morfológicas e outros fatores que poderiam dificultar a assimilação das propriedades da língua. Entretanto, não é o que acontece, – exceto, naturalmente, nos casos específicos que apresentem algum

tipo de deficiência - pois a criança começa a identificar as características linguísticas durante o primeiro ano de vida e começa a balbuciar seus primeiros sons, suas primeiras palavras, até a emissão do seu primeiro “signo” linguístico, na concepção oferecida por Saussure.

Inúmeros estudos demonstram que o desenvolvimento da linguagem é natural devido à capacidade humana inata e por esse motivo a criança desenvolve, sem grandes dificuldades, as competências necessárias para adquirir vocabulário e formar sua gramática, com base nas informações linguísticas a que tem acesso. Essa apropriação acontece de tal maneira que, a partir dos três anos, a criança faz relações, estabelece analogias, elabora neologismos, recorrendo ao repertório linguístico que já possui.

Este comportamento é completamente natural, não só porque a criança precisa se acostumar à aquisição e uso da linguagem, mas também porque a língua se compõe de analogias. Considerando que a língua nada mais é do que a aceitação coletiva dos usos individuais dos falantes, constatamos que sua criação, sua manutenção e evolução depende, diretamente, da criatividade dos que a utilizam – conforme a breve análise das ocorrências encontradas nas obras de Ruth Rocha e Pedro Bandeira puderam ilustrar.

6. REFERÊNCIAS

BANDEIRA, P. **Ritinha Danadinha**. São Paulo: Moderna, 1991.

_____. **A Menina Danadinha**. São Paulo: Ática, 2007.

CHOMSKY, N. **Estruturas sintáticas**. Lisboa: Edições 70, 1957

CRYSTAL, D. **A little book of language**. Sydney: Yale University Press, 2010.

CUNHA, C; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2016.

LYONS, J. **Lingua(gem) e linguística: Uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara S.a, 1987.

NAME, C.; MAIA, M. (Org.). **Psicolinguística, psicolinguísticas**. São Paulo: Contexto, 2015.

NAME, M. C. Bootstrapping sintático: o papel da ordem estrutural na aquisição de nomes e adjetivos. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p.53-63, mar. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/670>>. Acesso em: 12 jun. 2018

RÉ, A. del et al. **Aquisição da linguagem: Uma abordagem psicolinguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

ROCHA, R. **Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias**. São Paulo: Moderna, 1991.

_____. **Marcelo, Marmelo, Martelo**. Edição Reformulada. São Paulo: Salamandra, 2011.

SANTOS, R. Aquisição da linguagem. in: FIORIN, J.L. et al (Org.). *Introdução à linguística: Objetos teóricos*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 211-226.

SANTOS, R. S.; SIKANS, N. S. O gerativismo e a questão do bootstrapping: Uma retrospectiva. **Revista do Gel**, Araraquara, v. 2, p.119-143, 2005. Anual. Disponível em: <<https://revistadogel.gel.org.br/rg/article/view/309/213>>. Acesso em: 12 jun. 2018

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 34. ed. São Paulo: Cutrix, 2012.

SLOBIN, D. I. **Psicolinguística**. São Paulo: Universidade São Paulo, 1980. Tradução de: Rosine Sales Fernandes.

TERRA, E. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

TONIETO, L. **Aquisição inicial do léxico verbal e aproximações semânticas em português**. Rio Grande do Sul: Ufrgs, 2007.

WITTER, G. P. et al. **Manual de linguística**. Rio de Janeiro: Vozes Ltda, 1978.

Contatos: ana.almeida@outlook.com.br e rhbritto@mackenzie.br